

Para uma tipologia da sintaxe conectiva em português

Maria do Céu Fonseca
cf@uevora.pt
Universidade de Évora (Portugal)

RESUMO

A sintaxe conectiva ou sintaxe conectiva atributiva – designação derivada das noções lógico-semânticas de “conectar”, “predicar”, “atribuir propriedades” – é um modelo descritivo da forma como as diversas línguas predicam qualidades, identificam e classificam entidades em diferentes tipos de frases quanto à natureza verbal e não verbal do seu núcleo. O modelo, que tem subjacente uma distinção entre sintaxe conectiva e sintaxe nuclear, situa-se no quadro da reflexão teórica de vários investigadores reunidos em torno de C. Clairis (Clairis et al. 2005) e filiados na tradição funcionalista de André Martinet. Tendo por base este quadro teórico, já aplicado a várias línguas geneticamente distintas, o presente trabalho visa a sintaxe conectiva em português. Acredita-se modestamente que a matéria, mesmo fora do “mainstream” das conceções teóricas e das prioridades editoriais, possa ter valimento junto da Homenageada atenta aos processos cognitivos e linguísticos do ato de leitura e da eficácia da escrita, do desempenho oral, do conhecimento gramatical dentro e fora da escola, em aprendizagens ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE

sintaxe conectiva, sintaxe nuclear, língua portuguesa.

ABSTRACT

Connective syntax or attributive connective syntax – expression derived from the logical-semantic concepts of “connecting”, “predicate”, “attribution of a quality” – is a descriptive model of how different languages establish attribution in several types of verbal and nonverbal head sentences. This formal model, based on a distinction between connective syntax and nuclear syntax, is situated within the framework of the theoretical reflection of several researchers gathered around C. Clairis (Clairis et al. 2005) and affiliated to the functionalist tradition of André Martinet. It is on the theoretical proposals of these authors, already applied in different languages, that we have relied on to present the functioning of connective syntax in the Portuguese language. This paper is written in honor of Prof. Maria da Graça Castro Pinto. May the subject, even outside the mainstream of theoretical conceptions and editorial priorities, be of interest to the honored Professor, always attentive to the cognitive and linguistic processes of the act of reading and of the writing proficiency, of the oral performance and of the grammatical knowledge, both inside and outside the school, in lifelong learning.

KEYWORDS

connective syntax, nuclear syntax, Portuguese language.

1- Introdução

Sintaxe conectiva (atributiva) é uma proposta original da escola funcionalista de Paris V de tipificação das estruturas frásicas de que as línguas dispõem para satisfazerem necessidades comunicativas no campo genérico da atribuição de qualidades e propriedades a uma entidade ou da classificação e identificação de entidades, como ilustrado em (1)¹:

- (1) a. *Il est malade.*
 b. *Il devient nerveux.*
 c. *Paul a été élu président.*
 d. *Il s'appelle Jérôme.*
 e. *Il trouve son café amer.*
 f. *Il travaille comme videur.*
 g. *Elle fait une belle épouse.*
 h. *Génial, ce film!*

No quadro da sintaxe conectiva, o estabelecimento de relação significativa entre a entidade qualificada e a sua qualificação/identificação, ou seja, entre dois elementos de base como “toi” – “**sage**” (Clairis 1998: 188) pode ocorrer, quer por conexão indireta, caso em que o nexos será verbal ou não verbal (em determinadas línguas), quer por conexão direta (cf. (1h)). A tipologia sintático-semântica das construções conectivas mostra que, variando estas de língua para língua, a avaliar pelo elenco heterogéneo de onze descritas em Clairis et al. (2005), há evidentemente recursos sintáticos comuns na expressão da atribuição, que vão além das conhecidas modalidades de predicação (Raposo 2013: 1285) e “equative sentences” (Lyons 1979: 471).

Distinguem-se de (1) enunciados cujo núcleo central exige uma ou várias expansões, consoante a valência do verbo, conforme se pode representar por “toi” – “**marcher**” ou “toi” – “**casser**” – “vitre” (Clairis 1998: 188). Assim, por oposição à sintaxe conectiva, a equipa de linguistas do laboratório “Théorie et Description Linguistique” (THEDEL, Universidade René

¹ Os exemplos do francês são retirados da bibliografia de referência em sintaxe conectiva: Clairis et al. (2005); Costaouec & Guérin (2007). Quanto à exemplificação do português, alguma é forjada, mas a maior parte vem de gramáticas e estudos especializados citados nas referências bibliográficas.

Descartes), liderada por Christos Clairis na linha da tradição funcionalista de André Martinet, concebe a sintaxe nuclear como construção que se caracteriza pela presença de um verbo-núcleo responsável pela estrutura argumental da frase, nas línguas dotadas de oposição verbo-nominal. Prévia ao estabelecimento da oposição sintaxe conectiva vs. sintaxe nuclear, é a distinção rigorosa das classes sintáticas do nome e do verbo nas línguas que apresentam tal oposição, assumindo-se neste quadro teórico que esta oposição não é universal nem em todas as línguas necessariamente tão marcada (ao nível da forma e da função) quanto em francês ou português (Tchekhoff 1984; Martinet 1985: 122-123; François-Geiger 1990: 140). Uma vez estabelecida tal distinção com base nos critérios funcionalistas das compatibilidades sintáticas e da exclusão mútua (Martinet 1985: 106-112), a hierarquização das unidades significativas permite identificar os dois tipos de predicação ou nuclearização que propõem Clairis et al. (2005).

2 - Sintaxe conectiva: principais conceitos

A conexão sintática não pode ser pensada sem os elementos componentes. Na esteira das chamadas gramáticas racionalistas do século XVII, cuja expressão maior foi a célebre *Grammaire de Port-Royal* (1660), tais componentes constituem uma necessidade gramatical/sintática, que não apenas lógica, para a construção da proposição, a operação classificada como *judgar*, isto é, “affirmer qu’une chose que nous concevons est telle : comme lorsqu’ayant conçu ce que c’est que la terre, et ce que c’est que *rondeur*, j’affirme de la terre, qu’elle est *ronde*” (Arnauld e Lancelot 1993: 46); e, logo a seguir, continuam os mesmos autores da mencionada gramática (Arnauld e Lancelot 1993: 47):

Le jugement que nous faisons des choses, comme quand je dis *la terre est ronde*, s’appelle PROPOSITION ; et ainsi toute proposition enferme nécessairement deux termes ; l’un appelé *sujet*, qui est ce dont on affirme, comme *terre* ; et l’autre appelé *attribut*, qui est ce qu’on affirme, comme *ronde* ; et de plus la liaison entre ces deux termes, est.

Na lógica tradicional, daqui excluindo a tese lógico-matemática de Frege, este verbo *ser* atributivo, identificador e eventualmente locativo é nexa, elemento de ligação ou de junção na relação sujeito-predicado. De Aristóteles a Port-Royal, o verbo foi considerado responsável pela construção do juízo feito sobre o falante, de tal forma que todo o género de proposição pode resolver-se analiticamente em enunciações atributivas e identificadoras: “*Pierre vit*” → “*Pierre est vivant*”; “*Dieu aime les hommes*” → “*Dieu est aimant les hommes*” (Arnauld e Lancelot 1993: 110, 183). É verdade que o discurso linguístico se sobrepõe a esta lógica (Jespersen 1992: 177), para mais quando a expressão do presente do indicativo vai além da indicação de valor temporal genérico. Mas as conceções de Arnauld e Lancelot, se tiveram evidente expressão na gramática filosófica dos séculos XVIII-XIX, repercutiram-se também em toda a posterior tradição gramatical europeia. O próprio termo de “atributo”, que recuperam Clairis *et al.* (2005: 21-22) embora em contraciclo de tendências linguísticas dominantes, é uma herança da gramática de Port-Royal. A matriz lógico-filosófica do conceito de “proposição”, cuja definição foi a grande novidade da *Grammaire générale et raisonnée* (1660), tem eco quer no quadro da definição lógico-semântica do predicado, quer no discurso metagramatical sobre a atribuição em geral (cf. Gutiérrez Ordóñez 1986: 15-18). No estudo da manifestação sintática do atributo, Alarcos Llorach (1994: 302) entendia que “las construcciones atributivas vienen a ser como el resultado del desglose de otros verbos no copulativos”, eventos podendo assim conformar-se a estados, em termos de distinções aspectuais: “Aquí abunda uva” → “Aquí es abundante la uva”; “Un dulce nunca amarga” → “Un dulce nunca es amargo”. A oposição entre os pares frase nominal/frase verbal com *ser*, por um lado, e predicado nominal/predicado verbal, por outro, constituíram pontos críticos dos estudos linguísticos do século XX, desde logo em Meillet (1906), Hjelmslev (1971) e Benveniste (1990). O campo da sintaxe conectiva é transversal a todas estas realidades linguísticas, mantendo-se diferenciado da sintaxe nuclear, onde a função de atributo não tem enquadramento. Nesta ordem de ideias (Clairis *et al.* 2005: 20):

Lorsque le noyau verbal **distribue** des rôles à ses satellites qui assument alors des fonctions obligatoires ou spécifiques, on se trouve en syntaxe nucléaire.

Lorsque le noyau verbal, en servant de **pont**, connecte ses expansions primaires assumant des fonctions particulières (sujet et attribut), en permettant d'un point de vue sémantique la connexion entre ces expansions, alors, on se trouve en syntaxe connective attributive.

Na ótica da sintaxe funcionalista, a função sujeito obrigatória e a função complemento direto ou “função específica” – designação alternativa para acautelar equívocos de classificação (no caso das línguas de estrutura ergativa, por exemplo) – pertencem à zona central do enunciado situada sob a influência direta do verbo, que constitui o centro das relações de determinação. Já na ótica da sintaxe conectiva, tem também lugar nesta zona central do enunciado um constituinte em função atributiva, que denota propriedades atribuídas a (predicadas sobre) uma entidade. Recuperados da tradição gramatical, quer a designação, quer o seu estatuto de função, o atributo apresenta aqui a única originalidade de ser uma função “spécifique à un certain nombre de verbes que l'on appellera ‘verbes connectifs’ mais également de se manifester avec des ‘verbes nucléo-connectifs’” (Clairis et al. 2005: 21)². Reitere-se que, além da manifestação indireta por meio de verbo, a conexão pode fazer-se diretamente entre dois constituintes nominais, em realização de uma frase de tipo nominal. Nesta conexão direta ou justaposição de duas formas nominais (em ordem livre, ora fixa) ou, ainda, “zero copula” (Stassen 2013b; 1997: 62), possível em diversas línguas de tipos diferentes³, tem interpretação constante o papel que cabe ao predicado nominal na formação do enunciado, atendendo à possibilidade de uma forma nominal assumir função sintaticamente verbal

² A falta de consenso em relação a esta função atributiva é tanto terminológica quanto conceptual. Não é termo que conste da nomenclatura do *Dicionário Terminológico*; e tem, na gramática de Raposo et al. (2013), um uso seletivo para referir, ora leituras não referenciais do predicativo do sujeito, ora o comportamento do adjetivo na função de modificador do adjetivo no sintagma nominal, por oposição à sua função predicativa. É nesta oposição que assenta o estudo de Joaquim Fonseca (1993: 7-32). Em contrapartida, a função sintática de atributo é matéria de largo desenvolvimento na *Nueva gramática de la lengua española* (2009) da Real Academia Española, que começa por algumas observações cautelares sobre o assunto: “Aunque el atributo se considera tradicionalmente una función sintáctica, muchos autores han hecho notar, sobre todo en los últimos años, que algunas características suyas lo diferencian marcadamente del resto de las funciones, y hasta ponen en duda que el concepto mismo de ‘función sintáctica’ se le aplique en la misma medida que a las demás” (2009: 2775).

³ Além das línguas descritas em Clairis et al. (2005), vejamos outros exemplos em Stassen (2013a). A conexão direta ocorre no quadro de determinados parâmetros. Stassen (1997: 64) menciona os conhecidos “the present parameter” em línguas que, como o russo, “have obligatory zero encoding if the sentence refers to the present” e o “third person parameter”, i.e., “sentences with third-person subjects”, como em húngaro.

(Benveniste 1990: 156). O emprego predicativo do adjetivo ou do nome em russo (Clairis et al. 2005: 26) e turco (Divitçioğlu-Chapelle 2005: 202) mostra que “[s]i (...) verbe implique prédicat, prédicat n’implique nullement verbe” (Clairis 1984: 27) e também que o que torna o adjetivo e o nome em núcleo predicativo é o facto de constituírem elemento central do enunciado e núcleo de todas as relações sintáticas.

Segundo Benveniste (1990: 154), para quem função verbal (i.e., núcleo central ou predicado) e forma verbal não coincidem necessariamente, as frases nominais são enunciados assertivos sem marcas aspectuais (modais ou temporais), porque constituídos pela coocorrência de dois termos de idêntica categoria nominal, que possuem uma ordem fixa em determinadas línguas. Pelo contrário, Hjelmslev (1971: 184), com base na distinção entre o plano da expressão e o do conteúdo, concebe nestes mesmos enunciados nominais a presença de cinco unidades verbais (aspeto, modo, tempo, pessoa e voz) “qui sont tous exprimés, dans les circonstances, par zéro”.

Construção linguística diferente desta, mas igualmente comum no indo-europeu, é a frase de verbo *ser* cópula, “une phrase verbale, pareille à toutes les phrases verbales” (Benveniste 1990: 157), na qual a lexicalização da cópula é “marque grammaticale d’identité” (Benveniste 1990: 187) e marca também de uma temporalidade que permite situar o enunciado em relação ao falante. A presença destas marcas de natureza aspectual e modal relativiza a caracterização “dessemantizada” de *ser* (Raposo 2013: 1298), nem sempre extensiva a outros verbos do paradigma copulativo, nomeadamente os do português *ficar*, *parecer*, *continuar*, *andar*, *revelar-se*, *tornar-se*, mais marcados quanto ao seu comportamento lexical. Embora com flutuações, a terminologia reflete esta dessemantização em diferentes graus ao opor: “copule vide” (*être*) vs. “copules pleines” / “véritables verbes” (*sembler*, *paraître*, *devenir*, *avoir l’air*) (Martinet 1979: 85; 1985: 123); verbos copulativos (*ser*, *estar*) vs. verbos pseudocopulativos (*ficar*, *andar*, *continuar*, *parecer*, *tornar-se*, *permanecer*) (Casteleiro 1981: 136, nota 60)⁴; ou, em sintaxe conectiva atributiva, uma escala de valores entre os “verbes désémantisés ou quasi vides de sens”, os “verbes avec sens lexical accru” e

⁴ Verbos pseudocopulativos é terminologia muito usada na tradição gramatical espanhola para “un grupo restringido de verbos [como ‘permanecer’, ‘quedarse’, ‘ponerse’, ‘volverse’, ‘tomarse’], muchos de ellos verbos de movimiento dessemantizados, otros cuasi auxiliares aspectuales, que guardan una estrecha relación con los copulativos” (Violeta Demonte & José Masullo 1999: 2511; Fernández Leborans 1999: 2360).

os “verbes de sens plein” (Clairis et al. 2005: 24). Nas línguas em que os dois copulativos *ser* e *estar* podem comutar em determinados contextos, ainda que preferencialmente se encontrem em distribuição complementar (Costa 1998: 142), o quadro teórico da regra de *copula support* (Dik 1983: 142) do funcionalismo holandês, assente no referido princípio da dessemantização⁵, admite mesmo que “they [both copulas] cannot be said to be semantically empty” (Hengeveld 1986: 395).

Assim, suporte de categorias flexionais de concordância e tempo, elemento dessemantizado em diversos graus, expressão morfossintática de conexão e marca de atribuição são propriedades do copulativo *ser* tradicionalmente apontadas em diversas línguas, que interessam para o campo da sintaxe conectiva atributiva. As duas construções que Benveniste põe em confronto – a frase sem cópula ou nominal e a frase com a cópula *ser*, deixando-se de lado a mais rara categoria de *ser* existencial – conduzem a um primeiro nível de diferenciação da sintaxe conectiva em:

(i) Conexão direta.

(ii) Conexão indireta por intermédio de um verbo, de que *être* (*ser* e *estar*) constitui apenas um paradigma, já que a sintaxe conectiva atributiva se atualiza também por meio de verbos plenos (cf. (1f-g)).

Na verdade, em sintaxe conectiva, “[v]erbe désigne (...) aussi bien des verbes ‘pleins’ que ce que l’on nomme parfois ‘verbes copules’” (Costaouec & Guérin 2007: 212), termos em que o campo da atribuição se distribui por um *continuum* que vai dos verbos copulativos ou conectivos aos verbos plenos ou não conectivos, passando pelos semiconectivos ou núcleo-conectivos, que apresentam propriedades comuns aos dois anteriores. Esta classificação sintática dos verbos, a que corresponde também o referido *continuum* de valores semânticos aspetuais em diferentes graus, é feita a partir da seleção da função atributo, quer em orações copulativas, quer em predicacões secundárias, quer ainda em contextos de verbos plenos. Note-se que no par (1g) *Elle fait une belle épouse* e (1g’) *Elle fait une belle robe*, a impossibilidade de coordenação dos sintagmas em função atributo e complemento direto (**Elle fait une belle épouse et une belle robe*) distingue

⁵ Segundo Dik (1983: 141), “many subtle semantic differences which often been described in terms of ambiguities of *be* must (...) be regarded as completely independent of *be* and as residing, rather, in differences in the types of predicate and terms which are combined with each other in the relevant constructions”.

o uso do mesmo verbo *faire* em sintaxe conectiva e em sintaxe nuclear.

Assim, combinando esta tipologia de verbos⁶ com os processos indicados em (i) e (ii), o campo da sintaxe conectiva atributiva pode representar-se no seguinte quadro, conforme Clairis *et al.* (2005: 24):

	Sintaxe conectiva atributiva		
Conexão direta (ausência de verbo)	Conexão indireta		
	Verbos conectivos	Verbos núcleo-conectivos	Verbos não conectivos

Antes de se diferenciarem as manifestações sintáticas da conexão indireta, aluda-se ao grau zero da conexão, i.e., à atribuição de uma qualidade através da conexão direta entre duas unidades nominais, uma das quais é o núcleo central predicativo e a outra o atualizador sujeito⁷. O francês conhece esta conexão direta em enunciados do tipo de (1h), que apresentam sempre marcadores expressivos de exclamação: “[c]ette organisation, peu fréquente, ne se rencontre que si le contexte est exclamatif” (Guérin 2005: 141). Da mesma forma, também ocorre no português *Genial, este filme!* uma conexão direta atributiva através do predicativo não verbal *genial*, determinado pelo nominal *este filme*. Esta proposta é consentânea com a de Raposo (2013: 1296), para quem predicacões de base adjetival ou nominal como (2a) e (2b) podem ocorrer sem verbo copulativo “em contextos discursivos particulares”, nomeadamente exclamativos:

- (2) a. *O João com bigode!*
b. *Os meninos acordados a esta hora!*

Nos dois enunciados, marcados do ponto de vista pragmático, os sintagmas *com bigode* e *acordados a esta hora* constituem o núcleo central não verbal, i.e., o predicado atualizado por *o João* e *os meninos*, respetivamente.

⁶ Visa-se apenas analisar o contexto da sintaxe conectiva e não uma tipologia sintática de construções verbais.

⁷ A função “sujeito” é sempre de atualização na medida em que, enquanto determinante obrigatório de um sintagma verbal, confere-lhe o estatuto de núcleo do enunciado. Sobre a atualização em geral e o atualizador sujeito em particular, pode ver-se Clairis (2008: 79-80).

2.1. Conexão indireta por intermédio de verbo

2.1.1. Verbos conectivos

Em qualquer dos casos de conexão indireta, a função atributo pode ser mediada ou não por conector: fr. “en”, “de”, “pour”, “comme”, “en tant que”, “à”; port. “por”, “de”, “como”. A estrutura mais simples da sintaxe conectiva ilustrada em (3) e correspondente à oração copulativa será a seguinte, em que o núcleo central é constituído por um verbo conectivo e por um atributo (nominal ou adjetival), predicativo do sujeito gramatical:

Atualizador/sujeito + Núcleo central + (conector) + Atributo

- (3) a. *Jules devient sérieux.*
b. *L’homme était heureux.*
c. *Il resta en tant que maître d’hôtel.*

Incluídos na categoria de “verbes d’état” ou “verbes attributifs” na maior parte das obras de referência da tradição linguística francesa (cf. Grevisse & Goosse 2008: 261-265), os verbos mais especializados em sintaxe conectiva, como “être”, “sembler”, “rester”, “paraître”, “demeurer”, “devenir”, “avoir l’air”, são caracterizados por selecionarem uma expansão de atributo, que em francês não pode ser deslocada nem destacada, e por não apresentarem senão “un emploi très restreint quasi inexistant en syntaxe nucléaire” (Guérin 2005: 142). Como em português (Brito, Duarte & Matos 2003: 838) e noutras línguas (cf., para o espanhol, Hernández Alonso (1995: 182)), os constituintes predicativos destes verbos conectivos – sejam esses constituintes caracterizadores ou identificacionais/equativos (Raposo 2013: 1318)⁸ – são comutáveis por clítico invariável, ao contrário da expansão atributo em contexto de sintaxe nuclear. Assim, (3a) admite a pronominalização *Jules le devient*, mas não, por exemplo, *Jules part heureux* (**Jules le part*). Se Joaquim Fonseca (1993 : 17) entende que os enunciados de (4) “ilustram ainda a construção *predicação do sujeito*”, sendo (4a-c) enunciados constituídos por verbos plenos (inacusativos e inergativos, no caso) e atributos adjuntos não obrigatórios nem pronominalizáveis pelo

⁸ Recorde-se que a distinção mais frequente entre predicação e identificação, filiada na abordagem lógica de Frege, estabelece dois subtipos de frases copulativas: as predicativas atributivas e as predicativas identificacionais/equativas.

clítico demonstrativo “o”, é justamente para distinguir, no campo da sintaxe conectiva atributiva, verbos não conectivos vs. verbos conectivos, estes tradicionalmente da classe dos verbos copulativos.

- (4) a. *A manhã raiou esplendorosa.*
 b. *O João partiu furioso.*
 c. *O velho marinheiro nasceu rico, viveu triste, morreu pobre.*

“‘Transparência’ semântica” e “combinação com adjetivos”, nos termos presentes em Raposo (2013: 1301-1304), são os dois critérios de identificação da classe dos copulativos em português que possuem um comportamento tipicamente conectivo. As listagens mais comuns, embora não sintaticamente homogêneas, que contemplam “ser”, “estar”, “ficar”, “andar”, “continuar”, “parecer”, “revelar-se”, “tornar-se” (cf. Raposo 2013: 1297; Duarte 2003: 302; *Dicionário Terminológico*) podem ser repensadas quanto aos dois últimos verbos conjugados reflexamente, a partir dos próprios argumentos aduzidos para os copulativos com conjugação reflexa. “Revelar-se” e “tornar-se”, sendo verbos de alternância causativa, apresentam uma variante transitiva (cf. (5a-b)), que alterna com o seu uso copulativo na versão intransitiva ou incoativa (cf. (6a-b)), em que podem comutar com *ser/estar*, selecionam um predicativo adjetival e apresentam fracas restrições de seleção semântica sobre o sujeito em contextos transitivos (cf. Raposo 2013: 1314, 1338):

- (5) a. *O avô revela muitas histórias.*
 b. *Os atores tornaram o espetáculo cansativo.*
- (6) a. *As histórias revelam-se interessantes.*
 b. *O espetáculo tornou-se cansativo.*

Quer isto dizer que estes verbos de alternância causativa-incoativa devida à propriedade reversível do complemento direto e do sujeito gramatical, combinam características de uso em sintaxe nuclear e em sintaxe conectiva, dependendo da diátese ativa-reflexa, que é um dos critérios de Clairis *et al.* (2005) para a classificação de verbos núcleo-conectivos.

2.1.2. Verbos núcleo-conectivos

Um dos aspetos mais interessantes da proposta de Clairis *et al.* (2005) é a possibilidade de analisar determinadas estruturas transitivas no campo da sintaxe conectiva atributiva. Daqui decorre uma reinterpretação das distinções mais comuns entre estruturas transitivas e estruturas intransitivas (Stassen 1997), entre “a copula clause”, “an intransitive clause” e “a transitive clause” (Cumow 2000). Na verdade, verbos transitivos do campo da sintaxe nuclear podem selecionar predicativos do sujeito e do objeto, consoante a alternância de diáteses ativa-passiva e ativa-reflexa, ou a mudança de valência verbal, como ilustrado em (7).

- (7) a. *J'ai trouvé ce livre ennuyeux.*
b. *La séance a été déclarée ouverte.*
c. *Son chien s'appelle Rex.*

Uma construção fundamental da sintaxe conectiva é a dos atributos que representam predicacões secundárias em estruturas do tipo de (7a), com verbos de uso transitivo predicativo, eventualmente mediadas por preposição ou outro conector, segundo o esquema *considérer X (comme) sacré*. Quer em francês, quer em português, o contexto é o de verbos bivalentes em sintaxe nuclear que, em virtude de mudança de valência, passam a conectivos por selecionarem um actante predicativo necessário, não pronominalizável, porque exterior ao complemento direto (Fonseca 1993: 62) e de diferentes tipos (Vilela 1992: 109). Comparem-se as respetivas estruturas sintagmáticas⁹, vistas em termos de oposição entre uso transitivo e uso transitivo predicativo, que valem exatamente nos mesmos termos para o português:

– Sintaxe conectiva

(7a) *J'ai trouvé ce livre ennuyeux.* [N – V – N – P_{adj.}]

A relação entre o objeto e o predicativo é de implicação recíproca, considerando a agramaticalidade de **j'ai trouvé ennuyeux* e de **j'ai trouvé ce livre* (no sentido de “estimar”, “jugar”).

⁹ Usam-se anotações de Busse (1994), que devem ser interpretadas da seguinte forma: N – V – N: verbo transitivo com sujeito e complemento direto; P_{adj. n.}: Predicativo adjetival ou nominal.

– Sintaxe nuclear

(7a') *J'ai trouvé mon chapeau.* [N – V – N]

Como núcleo-conectivo, o verbo torna-se trivalente quando seleciona uma predicação adicional do complemento direto, formando ambos uma oração pequena correspondente à construção predicativa *N + (ser) + Predicativo (adjetival/nominal/grupo preposicional)*. Em línguas acusativas, como o francês e o português, este predicativo é também uma expansão obrigatória (ou de interpretação implícita) ora do sujeito, ora do objeto, na diátese passiva-ativa. As seguintes construções constituem assim variantes contextuais:

– Predicação do sujeito (passiva)

(7b) *La séance a été déclarée ouverte (par le Préfet).* [N – V_{passivo} – N – P_{adj.}]

– Predicação do complemento direto (ativa)

(7b') *Le Préfet a déclaré la séance ouverte.* [N – V_{ativo} – N – P_{adj. n.}]

A orientação ativa-passiva destes verbos permite uma construção dupla no que respeita ao comportamento do predicativo: na ausência de determinações de modalidades de voz, possuem uma expansão de predicativo do complemento direto; mas, uma vez determinados por voz passiva, a mesma expansão conecta-se sintática e semanticamente ao sujeito gramatical do enunciado. Construção dupla têm também verbos de alternância ativa-reflexa, já referida a propósito dos pares (5a-b) e (6a-b), que descrevem a mesma situação em perspetivas diferentes. A construção reflexa de um grande número de verbos plenos – “(s’) appeler”, “(se) nommer”, “s’élire”, “(se) boire”, “(se) dire”, “(se) faire”, “se révéler”, “(se) sentir” –, alguns deles de alternância causativa-incoativa, é responsável pela expansão de um predicativo do sujeito obrigatório quando tais verbos ocorrem na variante intransitiva com o clítico reflexo *se*. Em francês e em português, os usos transitivos e também transitivos predicativos de verbos como “appeler”, “nommer”, “élire”, “dire”, “révéler”, “sentir” (subentendem-se os correspondentes portugueses) alternam frequentemente com a realização reflexa, que seleciona predicativo do sujeito. Nestes termos:

– Sintaxe conectiva

(7c) *Son chien s'appelle Rex.* [N – V_{se} – P_{n.adj.}]¹⁰

A representação da estrutura sintática de (7c) confere a “s’appeler” usado reflexamente, um comportamento próximo dos verbos copulativos, tendo o predicativo nome próprio uma função denominativa.

– Sintaxe nuclear

(7c') *Il appelle son chien.* [N – V – N]

O quadro do comportamento dos verbos descritos neste ponto 2.1.2. licenciaria, assim, reavaliar a lista tradicional dos verbos copulativos e, por outro lado, reconhecer que as características de verbos que se combinam com um predicativo obrigatório e que impõem restrições de seleção semântica do sujeito se encontram associadas no grupo dos verbos propostos como núcleo-conectivos.

2.1.3. Verbos não conectivos

Chegados ao terceiro e último tipo de construções conectivas, as suas características inferem-se *via remotiois*. Estas estruturas atributivas não apresentam verbos conectivos nem núcleo-conectivos, mas verbos plenos especializados em sintaxe nuclear que “admettent **sans modification d’aucune sorte** un passage en syntaxe connective” (Guérin 2005: 147). São verbos cujos esquemas relacionais canónicos em sintaxe nuclear podem ser transitivo e intransitivo, mas admitem variantes em contexto conectivo com um constituinte atributo obrigatório ou facultativo. Vejam-se os seguintes enunciados com os verbos plenos *faire* e *partir* (fr.), e *dar* (port.):

- (8) a. *Elle fait une belle épouse.*
b. *O Zé deu em esperto.*
c. *Elle partit furieuse.*

A passagem do campo da sintaxe nuclear ao da sintaxe conectiva implica a exclusão mútua das expansões suscetíveis de figurar no mesmo contexto.

¹⁰ Segundo Busse (1994: iii-iv), V_{se}: Verbo reflexo. Note-se que o predicativo nome próprio pode ter valor atributivo, mas é preferencialmente denominativo no uso de “chamar-se”.

A atualização da função atributo *une belle épouse* de (8a) encontra-se em relação de oposição com uma expansão de complemento direto em sintaxe nuclear; donde a impossibilidade de coordenação dos dois empregos: **Elle fait une belle épouse et une belle robe*. O mesmo sucede em (8b) por confronto com, por exemplo, (8b') *O Zé deu uma esmola* (**O Zé deu em esperto e uma esmola*). O enunciado de (8b) ilustra um emprego particular dos verbos não conectivos, que é o da conexão indireta via conector, o qual lhes permite serem determinados por um adjetivo ou nome em função atributo. Assim, para dar um exemplo equivalente em francês e em português: *Il passait pour le maître du pays* (Clairis et al. 2005: 30); *O Zé passa por esperto* (Fonseca 1993: 17; cf. também Raposo 2013: 1344). Numa outra interpretação (Raposo 2013: 1344), que se deixa agora de remissa, poderiam entender-se as unidades de cada um dos pares *passar por/passar* e *dar em/dar* como variantes contextuais, caso em que apresentariam distribuição diferente, consoante o uso em sintaxe conectiva (*passar por, dar em*), ou em sintaxe nuclear (*passar, dar*).

Diferente das situações apresentadas é a categoria dos verbos plenos “le plus souvent **monovalents**, qui peuvent recevoir directement la fonction attribut” (Clairis et al. 2005: 30), passando a funcionar como bivalentes em sintaxe conectiva. Mais especificamente, esta monovalência atinge sobretudo verbos de movimento (cf. (8c)) e verbos inacusativos (cf. (5), *supra*), cujo valor lexical não é afetado pelo predicativo adjunto, que constitui uma expansão facultativa. Prova de que (8c) ou (5) são enunciados pertencentes ao campo da sintaxe conectiva, excluída a interpretação do atributo como adjetivo adverbializado, é o conjunto de marcas de género e número implicadas pela escolha do sujeito gramatical: *Elle partit furieuse*, mas *Il partit furieux*.

3- Conclusão

Em ponto de conclusão deste trabalho, esperar-se-iam elementos de síntese tipológica para compreender o funcionamento da sintaxe conectiva atributiva no quadro teórico de um modelo descritivo aplicado à língua portuguesa. A reduzida amostra dos dados apresentados não permite, porém, senão aproximações provisórias, mais descritivas do que explicativas, aos

processos de conexão sintática e semântica usados em enunciados do português para predicar qualidades e identificar entidades. Em termos simplificados, as observações conclusivas genéricas são as seguintes:

– É possível em português a conexão direta de dois constituintes nominais para exprimir a atribuição em geral, processo que parece caracterizar-se por baixo rendimento funcional no sistema da língua, na medida em que se circunscreve a contextos marcados, como os de modalidade exclamativa.

– A conexão indireta por meio de verbos privilegia os do paradigma “ser”, com diferentes graus de conteúdo semântico, designados por conectivos dada a sua especialização em marcar a relação atributiva.

– A conexão indireta ocorre também via verbos núcleo-conectivos, que podem seleccionar um predicativo (do sujeito e do complemento direto) por mudança de valência e por alternância das diáteses ativa-passiva e ativa-reflexa, apresentando, por isso, uma dupla construção em relação ao atributo.

– Finalmente, são também usados em sintaxe conectiva atributiva do português, verbos não conectivos ou plenos, especializados na sintaxe nuclear, categoria a definir mais rigorosamente uma vez que cobre as variáveis: estatuto obrigatório vs. facultativo do atributo, natureza transitiva vs. intransitiva dos verbos, tipo de conexão mediada ou não por preposição (ou outros conectores).

REFERÊNCIAS

- Alarcos Llorach, E. 1994. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- Arnaud, A.; Lancelot, C. 1993. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*. Genève: Slatkine Reprints (1.ª ed. 1660).
- Benveniste, E. 1990. *Problèmes de linguistique générale* 1. Paris: Gallimard (1.ª ed. 1966).
- Brito, A. M.; Duarte, I.; Matos, G. 2003. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 795-867.
- Busse, W. (coord.). 1994. *Dicionário sintático de verbos portugueses*. Coimbra: Almedina.
- Casteleiro, J. M. 1981. *Sintaxe transformacional do adjetivo*. Lisboa: INIC.
- Clairis, C. 1984. Nom et verbe. *Modèles Linguistiques* 6/1, 23-28.
- Clairis, C. 1998. L'opposition verbo-nominale et la construction ergative. *As línguas no dealbar do século XXI / Les langues à l'aube du XXI^e siècle*. Actes du XXII^e Colloque International de Linguistique Fonctionnelle. Braga: APPACDM, 187-194.
- Clairis, C. 2008. *No rumo de uma linguística inacabada*. Coimbra: Almedina (1.ª edição 2005; tradução portuguesa de Maria Joana Vieira dos Santos).
- Clairis, C.; Chamoreau, C.; Costauuec, D.; Guérin, F. (dir.). 2005. *Typologie de la syntaxe connective*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Costa, J. 1998. L'opposition *ser/estar* en portugais. In: Rouveret, A. (dir.). « Être » et « Avoir ». *Syntaxe, sémantique, typologie*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 139-153.
- Costauuec, D.; Guérin, F. 2007. *Syntaxe fonctionnelle. Théorie et exercices*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Curnow, T. J. 2000. Towards a Cross-linguistic Typology of Copula Constructions. In: Henderson, John (ed.). *Proceedings of the 1999 Conference of the Australian Linguistic Society* (disponível em <http://www.als.asn.au/proceedings/als1999/proceedings.html>, consulta em junho de 2020).
- Dik, S. C. 1983. Auxiliary and copula *be* in a functional grammar of English. In: Henry, F.; Richards (eds.). *Linguistic Categories: auxiliaries and related puzzles* 2. Dordrecht: Reidel, 121-143.
- Divitçioğlu-Chapelle, E. 2005. En turc. In: Clairis, C. et al. (dir.). *Typologie de la syntaxe connective*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 199-211.

- Duarte, I. 2003. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem das palavras. In: Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 275-321.
- Fernández Leborans, M. J. 1999. La predicación: las oraciones copulativas. In: Bosque, I.; Violeta Demonte (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 2357-2460.
- Fonseca, J. 1993. *Estudos de sintaxe-semântica e pragmática do português*. Porto: Porto Editora.
- François-Geiger, D. 1990. *A la recherche du sens. Des ressources linguistiques aux fonctionnements langagiers*. Paris: Peeters/Selaf.
- Grevisse, M.; Goosse, A. 2008. *Le Bon Usage*. Louvain-la-Neuve: De Boeck/Duculot.
- Guérin, F. 2005. En français. In: Clairis, C. et al. (dir.). *Typologie de la syntaxe connective*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 139-153.
- Gutiérrez Ordóñez, S. 1986. *Variaciones sobre la atribución*. León: Universidad de León / Centro de estudios metodológicos e interdisciplinares.
- Hengeveld, K. 1986. Copular verbs in a functional grammar of Spanish. *Linguistics*, 24/2, 393-420.
- Hernández Alonso, C. 1995. *Nueva sintaxis de la lengua española*. Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- Hjelmslev, L. 1971. *Essais linguistiques*. Paris: Éditions de Minuit (1.ª ed. 1948).
- Jespersen, O. 1992. *La philosophie de la grammaire*. Paris: Gallimard (1.ª ed. 1924).
- Lyons, J. 1979. *Semantics 2*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Martinet, A. 1979. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Didier Crédif.
- Martinet, A. 1985. *Syntaxe générale*. Paris: Armand Colin.
- Meillet, A. 1906. La phrase nominale en indo-européen. *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* 14, 1-26.
- Nueva gramática de la lengua española. Morfología y sintaxis*. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. Madrid: Espasa Libros, 2009.
- Raposo, E. B. P. 2013. Orações copulativas e predicções secundárias. In: Raposo, E. B. P.; Nascimento, M. F. B. do; Mota, M. A. C. da; Segura, L.; Mendes, A. (org.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: FCG, 1283-1356.
- Raposo, E. B. P.; Nascimento, M. F. B. do; Mota, M. A. C. da; Segura, L.; Mendes, A. (org.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: FCG.
- Stassen, L. 1997. *Intransitive Predication*. Oxford: Clarendon Press.
- Stassen, L. 2013a. Nominal and locational predication. In: Dryer, M. S.; Haspelmath,

- M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (disponível em <http://wals.info/chapter/119>, consultado em junho de 2020).
- Stassen, L. 2013b. Zero copula for predicate nominals. In: Dryer, M. S.; Haspelmath, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (disponível em <http://wals.info/chapter/120>, consulta em junho de 2020).
- Tchekhoff, C. 1984. Une langue sans opposition verbo-nominale: Le tongien. *Modèles linguistiques* 6/1, 125-132.
- Vilela, M. 1992. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.
- Violeta Demonte; José Masullo, P. 1999. La predicación: los complementos predicativos. In: Bosque, I.; Violeta Demonte (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 2461-2560.